Os Estrangeiros na Ciência Brasileira

Simon Schwartzman

Publicado na página de opinião de *Ciência Hoje*, vol. 11, 62, p.12, março de 1990

Desde suas origens, a ciência brasileira dependeu muito de cientistas estrangeiros. No século passado, o imperador D. Pedro II buscou na Europa, e depois nos Estados Unidos, as pessoas que deram orientação e sentido às primeiras instituições científicas do país, exemplo seguido, no estado de São Paulo, pelos primeiros governos republicanos. Os franceses Emmanuel Liais, Louis Cruls e Henrique Morize comandaram o Observatório Imperial; Adolfo Lutz, nascido no Rio de Janeiro, mas de família e educação suíças, foi essencial ao estabelecimento da tradição brasileira de pesquisa bacteriológica e de medicina tropical, que deu origem ao Instituto Oswaldo Cruz; Claude Henri Gorceix, francês, criou e deu forma à Escola de Minas de Ouro Preto; Hermann von Ihering, alemão, trabalhou como naturalista no Museu Imperial (hoje Museu Nacional) e foi o organizador do Museu Paulista; Emílio Goeldi, suíço, fundou o museu que tem seu nome, no Pará; Charles F. Hartt e Orville Derby, norte-americanos (ver 'O estado atual da ciência no Brasil', em *Ciência Hoje* nº 59), estiveram presentes na constituição da Comissão Geológica do Império (mais tarde Serviço Geológico e Mineralógico) e da Comissão Geológica de São Paulo; Franz W Dafert, austríaco, deu início à pesquisa agrícola no Brasil, no Instituto Agronômico de Campinas.

Muitos desses pesquisadores vieram para o Brasil ainda jovens, contratados pelo governo para trabalhos de responsabilidade, e fizeram suas carreiras aqui. Outros, como Dafert, retornaram a seus países de origem. Nas primeiras décadas deste século a ciência brasileira também se beneficiaria do grande número de imigrantes que buscaram no Brasil uma alternativa às dificuldades da Europa, e encontraram seu lugar. Uma lista incompleta inclui necessariamente os nomes do alemão Bernhard Gross, um dos fundadores da física no Rio e Janeiro, com Joaquim Costa Ribeiro; do geólogo alemão Viktor Leintz; do químico judeu alemão Fritz Feigl, de reputação internacional; do químico italiano Quintino Mingóia, um dos iniciadores da pesquisa farmacológica em São Paulo; do alemão Friedrich Brieger, um dos fundadores da genética brasileira; e dos químicos Otto Rothe, Theodore Teckol, Wilhelm Michler, Alfred Schaeffer, Hebert Stettiner, Hans Stammreich, Pavel Kromholz e Hans Zocher, todos alemães.

Entre os países com forte imigração para Brasil, a Alemanha era o único com uma grande tradição científica e universitária, o que explica o grande número de alemães citados. Infelizmente, o Brasil recebeu apenas uma pequena parte do talento que a Alemanha perdeu nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial , perda que beneficiou sobretudo os Estados Unidos.

A grande influência estrangeira na ciência brasileira, no entanto, ainda estava por vir, e se deu com a criação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1934. Seus criadores decidiram formá-la exclusivamente com professores europeus, convidados em diversos países. A França contribuiu para as ciências sociais, com Roger Bastide e Paul Arbousse Bastide , Fernand Braudel, Pierre Deffontaine , Robert Garric e outros; da Alemanha vieram químicos e biólogos, como Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann e Felix Rawitscher; da Itália, físicos e matemáticos, como Gleb Wataghin (russo de

nascimento), Luigi Fantappié e Giuseppe Occhialini.

Muitos desses pesquisadores e professores fizeram carreira no Brasil e outros, ao voltarem para seus países, permaneceram atuando como pontes de contato e cooperação entre a comunidade científica brasileira e a internacional.

É fácil notar que, apesar da notável exceção representada pela USP, a grande maioria dos cientistas estrangeiros veio para o Brasil para trabalhar em instituições não universitárias. As instituições de ensino federais sempre foram mais burocratizadas e rígidas que os centros de pesquisas, e muitas vezes criavam dificuldades para a incorporação de estrangeiros a seus quadros, como parece ter ocorrido com Fritz Feigl e Bernhard Gross no Rio de Janeiro.

Após a guerra, o fluxo de estrangeiros para a ciência brasileira reduziu-se, embora existam exceções importantes, como Guido Beck, que chegou ao Rio de Janeiro em 1951 , para trabalhar no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF. Hoje, porém, o mercado de trabalho internacional oferece ao Brasil uma grande oportunidade para atrair cientistas qualificados para suas instituições, mas é necessário que o governo, ao invés de criar dificuldades, proporcione o estímulo e o apoio necessários.